



Sobre a influência de Paul Bourget no pensamento tardio de Friedrich Nietzsche

Mariane Aparecida Romão¹

Resumo: Neste artigo pretendemos avaliar a influência da teoria da decadência bourgetiana nos últimos escritos de Nietzsche. Para tal, analisaremos, a partir da obra *Ensaio de Psicologia Contemporânea*, como Paul Bourget caracteriza a sociedade européia do final do século XIX e, a partir de então, em que consiste a “doença da vida moral” por ele detectada, quais são suas causas, em que medida esta doença se relaciona com a decadência do indivíduo, do estilo, da sociedade e o que fazer a fim de solucionar o problema. Em um segundo momento, abordaremos as evidências da influência de Bourget em *O Caso Wagner* e em *Nietzsche contra Wagner*, sobretudo no que tange a noção de decadência fisiológica apresentada por Nietzsche. Por fim, mostraremos de modo sucinto como a teoria da decadência nietzschiana difere da bourgetiana no que se refere à origem da doença bem como sua terapia.

Palavras-chave: *Décadence*. Moral. Fisiologia. Paul Bourget. Nietzsche.

Résumé: Dans cet article nous avons l’objectif d’évaluer l’influence de la théorie de la décadence dans les derniers écrits de Nietzsche. Pour cela, nous analyserons, à partir de l’œuvre *Essais de Psychologie Contemporaine*, comment Paul Bourget caractérise la société européenne de la fin du XIX^e siècle et, après, en quoi consiste la « maladie de la vie morale » pour lui détectée, quelles sont ses origines, comment cette maladie est liée à la décadence de l’individu, du style, de la société et quoi faire pour résoudre ce problème. Ensuite, nous aborderons les évidences de l’influence de Bourget dans *Le Cas Wagner* et dans *Nietzsche contre Wagner*, surtout par rapport à la notion de décadence physiologique présentée par Nietzsche. À la fin, nous montrerons succinctement comment la théorie de la décadence nietzschéenne est différente de la bourgetienne par rapport à l’origine de la maladie ainsi que sa thérapie.

Mots-clé: *Décadence*. Morale. Physiologie. Paul Bourget. Nietzsche.

Doença da vida moral & teoria da decadência nos escritos de Paul Bourget

Paul Bourget se tornou conhecido como crítico literário, mas acabou por se consolidar na história da literatura francesa como romancista e novelista. O jovem Bourget, foco de estudo do nosso trabalho, é um estudante da psicologia humana, um analista das desordens do coração. Tal como um cientista, avalia as paixões do homem em seus romances de análise psicológica - como *Cruel Enigma*, *Um crime de amor* e *André Cornélis*. Esse “escritor-psicólogo” adota em seus romances um espírito de análise rigoroso, o que os torna, como o próprio Bourget caracteriza, verdadeiras pranchas de anatomia do homem de sua época.

¹ Mestranda em filosofia na École Normale Supérieure de Lyon. Orientador: Prof. Dr. Jean-Christophe Angaut. Bolsista Ampère de Excelência acadêmica. Email: mariane.romao@yahoo.fr.



No início de sua produção, enquanto crítico literário, Bourget se destacou pela publicação de uma série de artigos que tratavam de importantes aspectos da literatura do final do século XIX, publicados de 1881 a 1885 sob o título “Psicologia Contemporânea – notas e retratos”. Em 1883, os artigos sobre Baudelaire, Renan, Flaubert, Taine e Stendhal foram compilados e publicados nos *Ensaio de Psicologia Contemporânea*. Em 1885, segue-se a publicação de mais seis artigos em um novo volume: *Novos Ensaio de Psicologia Contemporânea* - sobre Dumas Filho, Leconte de Lisle, os irmãos Goncourt, Turgueniev e Amiel.

Sobre o porquê desta seleção de autores como objetos de análise de seus *Ensaio*, Bourget revela:

Eu me limitei, contudo, a essas dez fisionomias, porque elas me pareceram as mais capazes de manifestar a tese que circula através desses dois volumes, a saber, que os estados de alma particulares a uma nova geração estavam envoltos em germes nas teorias e nos sonhos da geração precedente. (BOURGET, 1920, avant-propos de 1885, xx).²

Neste sentido, os ensaios bourgetianos pretendem investigar a sociedade de seu tempo por meio da análise de obras literárias do romantismo que influenciaram fortemente o período do segundo império francês e que deram forma à juventude do final do século. Isto porque, segundo o autor, o movimento literário refletia importantes transformações sociais da civilização ocidental. A partir destas mudanças seria possível analisar os problemas que afligiam a nova geração, bem como os comportamentos que provocavam. Deste modo, os *Ensaio* compreendem tanto a análise da literatura da época como da sociedade por ela refletida.

Segundo Bourget, a juventude de seu tempo estava em crise, mostrava visíveis sintomas de uma hereditária “doença da vida moral”: os fenômenos ‘pessimismo’ e ‘niilismo’- conceitos de crescente circulação na época:

A prova disso é que, de um canto a outro da Europa, a sociedade contemporânea apresenta os mesmos *sintomas*, nuançadas segundo raças, dessa melancolia e desse desacordo. Uma náusea universal diante das insuficiências desse mundo revolta o coração dos Eslavos, dos Germanos e dos Latinos. Ela se manifesta nos primeiros pelo niilismo, nos segundos pelo pessimismo, em nós mesmos pelas

² Todas as traduções dos textos de Paul Bourget presentes nesse trabalho são minhas.



solitárias e bizarras neuroses. A raiva mortífera dos conspiradores de São Petersburgo, os livros de Schopenhauer, os furiosos incendiários da Comuna e a misantropia encarniçada dos romances naturalistas – eu escolhi com intenção os exemplos mais díspares – eles não revelam um mesmo espírito de negação da vida que, a cada dia, obscurece mais a civilização ocidental? (BOURGET, 1920, p. 13, *itálico nosso*).

No final do século XIX, um fenômeno de rebelião ideológica e social dominava a Rússia, ultrapassava os espaços do debate teórico e se espalhava no corpo social, acentuando seus componentes anarquistas e libertários e desencadeando um vasto processo de transformação do país. Os niilistas russos – assim popularizados por Turgueniev em seu romance *Pais e Filhos* – refletem um comportamento que era cada vez mais crescente na Europa Ocidental, caracterizado pela contestação da autoridade e da ordem social vigentes, além da metafísica e da estética tradicionais. Entre os germânicos, esta doença da moral gerava vigorosos sistemas filosóficos, nos quais o pessimismo era radical. Bourget cita a influência da filosofia de Schopenhauer, que alcançou a França e rapidamente se difundiu entre os jovens, sobretudo os parisienses. É em Paris que Bourget observa os sintomas da doença moral sob os franceses: ela gera neuroses, distúrbio dos nervos e a “raiva dos incendiários”.

Seja sob o nome de niilismo, pessimismo, ou qualquer outro título que se dê a este fenômeno, o mesmo mal estar social é revelado: *um enfraquecimento da vontade, um espírito de negação da vida*. Segundo Bourget, para o psicólogo, “é o fundo que é significativo, e o fundo comum é, aqui como lá, [...] uma mortal fadiga de viver, uma morna percepção da vaidade de todo esforço” (BOURGET, 1920, *avant-propos* de 1885, xxii). O revolucionário, para o autor, é um indivíduo que apresenta a enfermidade da modernidade em seu estado mais agudo; carrega consigo o tipo de insurgência característica da época que, pela bomba ou pela ironia, destrói os monumentos e as crenças tradicionais.

Os dois volumes dos *Ensaio*s contêm uma série de notas sobre as causas do pessimismo e niilismo na juventude contemporânea. Para Bourget, os problemas da vida cosmopolita, as nuances sentimentais da modernidade, o diletantismo, a crise da religião, da democracia e da ciência – que não encontravam formas de alimentar de novo as fontes da moral esgotada – evidenciavam o desacordo entre os desejos do homem e a realidade que não o satisfazia.



A crise da religião, sobretudo do catolicismo, está diretamente relacionada ao progresso do positivismo. A ciência moderna, por sua vez, não consegue responder as lacunas deixadas pela religião. Sobre a crise dos valores religiosos Bourget afirma:

Pela primeira crença em Deus eles substituirão a crença, seja à Liberdade, à Revolução, ao Socialismo, à Ciência [...]. O que de mais natural, então, que ele seja afetado por uma sensação de vazio diante desse mundo onde ele busca em vão um Ideal concreto que corresponde ao que lhe resta de aspirações acerca do Além? [...] Está ainda, em horas obscuras, a tentativa do retorno ao mundo místico pelo caminho pavoroso. Mas desses caminhos a alma incrédula retorna mais extenuada, mais persuadida de que a religião é apenas um sonho, pessoal e mentiroso, do homem que mira seu desejo no nada da natureza. (BOURGET, 1920, p. 16-17).

No domínio intelectual, o homem que se dedica a refletir sente uma vertigem, não sabe mais em que crer. As velhas religiões, sem consolo, desmoronaram. As idéias, os sistemas, multiplicam-se e se chocam: spinozismo, hegelianismo, espiritismo, positivismo, pessimismo, teorias de Taine, de Darwin, de Spencer, de Renan.³ O homem deixado ao acaso se afunda em um nocivo diletantismo, que Bourget define nos seguintes termos: “uma disposição do espírito, muito inteligente e ao mesmo tempo muito voluptuosa, que nos inclina mais e mais em direção a formas diversas da vida e nos conduz a nos emprestar todas essas formas sem nos dar alguma” (BOURGET, 1920, p. 55).

A democracia, que com o sufrágio universal visa tornar a sociedade mais justa por meio da obtenção de poder pelo mérito de seus cidadãos, estimula a “concorrência das ambições” (BOURGET, 1920, p. 323) de poder. A antiga classe dirigente, afastada do poder, resiste em aceitar sua nova posição. Para Bourget, mesmo o burguês teria dificuldades em admitir que o voto de todos tenha o mesmo peso, que seu voto valha o mesmo que o de um carvoeiro.

Sobre as nuances da vida sentimental, Bourget nos mostra, em sua *Psicologia do Amor moderno*, que o amor romântico moderno é um jogo cruel, uma mistura de egoísmo, perversão, impotência e mesquinhez.

As trocas internacionais cada vez mais favoreciam o progresso do cosmopolitismo no século XIX. Com o considerável desenvolvimento dos meios de

³ Cf. MANSUY, M. *Un moderne: Paul Bourget de l'enfance au Disciple*. Paris: Belles Lettres, 1960, p. 517.



comunicação e transporte, a distância se tornou menor. As correntes intelectuais cada vez menos conheciam limites, na medida em que as inúmeras traduções de obras inglesas, alemãs, francesas, russas, italianas, americanas, ultrapassavam as fronteiras. Os transeuntes de vários países alimentavam-se de teorias desabrochadas em terras remotas e propagadas rapidamente com o aumento da circulação de pessoas pelo continente. O cosmopolitismo se espalhou pela Europa e produziu ligeiramente, por toda parte, um processo de hibridismo intelectual que os *Ensaio*s notam nos seguintes termos: “Uma das leis da nossa época não é de misturar as idéias, e o conflito dentro dos nossos cérebros, a todos, de sonhos do universo elaborados pelas diversas raças?” (BOURGET, 1920, p. 62). Diante da troca de teorias, estilos, culturas, o homem estaria cada vez mais em conflito com seus ideais e as nações sob o risco de perder seu vigor e originalidade. Bourget, ele mesmo um viajante e cosmopolita (inserido em um meio também deveras cosmopolita : Paris) repugna visivelmente os que se colocavam contra o cosmopolitismo, mas alerta acerca de sua nocividade :

O moralista é obrigado a reconhecer que as nações perdem muito mais do que elas ganham se misturando umas as outras e que as raças, sobretudo, perdem muito mais do que ganham deixando o canto de terra onde elas cresceram. (BOURGET, 1920, p. 317).

Em suma, a crise da religião que afasta do homem seu desejado além-vida, a crise da democracia que desperta descontentamentos entre setores, o sofrimento gerado pelo ideal romântico nunca alcançado, a resposta desejada e não obtida na ciência, o diletantismo e o cosmopolitismo que cada vez mais acentuados enfraquecem o apego a um ideal, a uma identidade, todos estes elementos evidenciam o mal provocado pelo *uso abusivo do pensamento*: a dolorosa discrepância entre o mundo idealizado, isto é, o mundo “como deveria ser”, e a realidade tal como se apresenta. Esta divergência constitui o elemento seminal do pessimismo, niilismo e da neurose generalizada do século XIX, conforme ressalta Bourget:

Considerar então o pensamento como um poder, não bem feito, mas mortífero, é ir contra a toda nossa civilização moderna, que vê, ao contrário, no pensamento o termo supremo de seu progresso. Super-excitar e redobrar as forças cerebrais do homem, procurá-lo, impor-lhe ainda um trabalho intelectual cada vez mais complicado, mais e mais equipado, tal é a preocupação constante da Europa ocidental desde o final da Idade Média. [...] Mas nós avaliamos bem a capacidade dessa máquina humana que nós sobrecarregamos de conhecimentos? [...]



Esse que os hábitos conduziram a um sonho de felicidade fez muitas exclusões, sofre na realidade, que não pode modelar por seu desejo [...] uma criatura muito civilizada faz mal em pedir às coisas para serem segundo seu coração, encontra tanto mais raro quanto o coração é mais curiosamente refinado, e se ele não tentou lutar para se curar, é porque ele viu na miséria uma lei das coisas, irresistível e universal, e diante dessa evidência se tornou sombrio nisso que os antigos já chamavam de o *tædium vitae*. (BOURGET, 1920, p. 156-157, 12).

Este tédio da vida, o retomado “mal do século” que o próprio Bourget afirmou ter sido um dos primeiros a detectar⁴, estaria intimamente ligado ao processo de decadência da sociedade. No final de seu artigo dedicado à Baudelaire, Bourget desenvolve sua “teoria da decadência”, explicitando como a doença por ele diagnosticada levaria à decomposição do corpo social, do estilo e da literatura.

Por decadência, Bourget compreende que “o estado de uma sociedade que produz um número muito pequeno de indivíduos aptos aos trabalhos da vida comum” (BOURGET, 1920, p. 19). Para elucidar sua concepção, o autor compara a sociedade a um organismo - composto por um conjunto de organismos menores que, por sua vez, são compostos por células. O indivíduo, para Bourget, é a célula social.

Para o bom funcionamento de um organismo é necessário que as partes que o compõem funcionem com uma energia subordinada ao todo. Se a energia das células torna-se independente, os organismos que compõem o todo param igualmente de subordinar sua energia à energia total: “A anarquia que então se estabelece configura o estado de decadência do conjunto.” (BOURGET, 1920, p. 20).

Como elucidava Bourget, tanto na ordem psicológica como na ordem fisiológica essa doença moral opera com a mesma lógica: a degeneração do organismo. O homem é afetado por uma crise moral que resulta na tortura da alma e do corpo: provoca o emagrecimento, o esgotamento dos nervos e músculos, a languidez e a neurose. Segundo Bourget:

Ousamos dizer, além disso, que na ordem psicológica como na ordem fisiológica, a doença é também lógica, também necessária, mas também natural como a saúde [...] O desgaste psicológico primeiro? Ele se manifesta por deformações do tipo humano que se encontra cada vez mais nas grandes cidades. O homem moderno, tal como nós o vemos ir e vir nas alamedas de Paris, carrega nos seus membros delgados, na fisionomia excessivamente expressiva de seu rosto, no

⁴ “Eu creio ter sido um dos primeiros a assinalar esta retomada inesperada disso que chamávamos, em 1830, de mal do século”. *Essais de psychologie contemporaine*, avant-propos de 1883, xxi.



olhar excessivamente agudo de seus olhos, no traço evidente de um sangue empobrecido, de uma energia muscular diminuída, de um nervosismos exagerado. O moralista reconhece ali a obra do vício. Mas freqüentemente o vício é o produto da sensação combinada com o pensamento, interpretada por ele, e amplificada até absorver em minutos de desligamento toda a substância da vida animal. [...] e a paixão precipita o homem a estranhos e perigosos excessos que o deixam incapaz de um desenvolvimento completo de seu ser [...]. O desgaste da vontade leva à conclusão da obra destrutiva, e aqui as doenças ainda não classificadas abundam de modo assustador. (BOURGET, 1920, p. 10, p. 158-159).

Quando o homem afetado pela doença moral não se subordina mais ao conjunto da sociedade, dá-se a decadência social. A linguagem, também comparada a um organismo, está sujeita ao mesmo processo de decadência. O estilo decadente é aquele onde “a unidade do livro se decompõe para deixar lugar à independência da página, onde a página se decompõe para deixar lugar à independência da frase, e a frase para deixar lugar à independência da palavra.” (BOURGET, 1920, p. 20).

Todavia, poderia se perguntar o leitor: haveria uma solução, um remédio contra a doença identificada por Bourget? Sobre este ponto o escritor prontamente esclarece no prefácio de seus *Ensaio*s:

Quando o primeiro volume desses Ensaio

s foi publicado, os críticos me disseram: o senhor traz um remédio ao mal que descreve tão complacentemente? Nós vemos vossa análise, mas não vemos vossa conclusão. E eu confesso humildemente que, de conclusão positiva, e não saberia dar nenhuma a esses estudos. (BOURGET, 1920, avant-propos de 1885, xxvi).

Ainda que Bourget não tenha oferecido uma terapia à doença, ele nos oferece duas possíveis posturas diante do problema: a dos políticos e moralistas e a do psicólogo.

A postura político-moral é aquela que direciona sua atenção ao conjunto: considera a energia total da sociedade, constata sua insuficiência para manter o funcionamento do todo e avalia a quantidade de energia necessária para restituir o mecanismo social. Diferentemente, o ponto de vista psicológico é aquele privilegia as partes do conjunto. Como um psicólogo, aquele que tomar esta postura poderá encontrar na análise das independências individuais desta sociedade em crise interessantes singularidades:

Se os cidadãos de uma decadência são inferiores como operários da grandeza do país, não seriam muito superiores como artistas no



interior de suas almas? Se eles não são hábeis à ação privada ou pública, não seria porque eles são muito hábeis ao pensamento solitário? Se eles são maus reprodutores de gerações futuras, não seria porque a abundância das sensações finas e o requinte dos sentimentos raros fizeram deles virtuosos, estéreis, mas refinados, de volúpias e de dores? Se eles são incapazes de dedicações de fé profunda, não seria porque sua inteligência muito culta os livrou dos preconceitos, e que tendo feito a mudança das idéias, eles chegaram a essa equidade suprema que legitima todas as doutrinas excluindo todos os fanatismos? (BOURGET, 1920, p. 21).

A decadência, vista tradicionalmente como negativa e sem futuro, passa a ter um caráter estetizante na obra de Bourget. Na contramão do pensamento de sua época, ele atribui à decadência aspectos positivos quando valoriza a produção estética do homem decadente. O indivíduo, uma vez que não possui mais sua força subordinada ao organismo social, direciona sua energia à sua singularidade e produz admiráveis valores estéticos.

Bourget continua sua análise no âmbito da literatura:

Essas literaturas também não têm amanhã. Elas levam a alterações de vocabulário, a sutilezas de palavras que tornarão o estilo ininteligível às gerações futuras. Em cinquenta anos, a língua dos irmãos Goncourt, por exemplo, será compreendida apenas por especialistas. Mas o que importa? O objetivo do escritor é de se colocar como perpétuo candidato diante do sufrágio universal dos séculos? Nós nos deleitamos nisso que vocês chamam de nossas corrupções de estilo, e nós nos deleitamos com os refinados de nossa raça e de nosso tempo. (BOURGET, 1920, p. 22).

Ainda que a obra de arte decadente possa não se perpetuar pelas próximas gerações, seu valor reside justamente em sua rica expressão, em sua singularidade de ideal e forma, no deleite do manifesto do artista. Neste sentido, a idéia de arte pela arte legitima a produção estética decadentista. Mesmo que a postura político-moral seja válida na defesa do funcionamento do organismo social, como afirma o autor, é somente através da postura psicológica que se pode compreender o valor positivo da decadência e colher seus admiráveis frutos artísticos.

Sobre a influência da teoria da decadência de Bourget nos escritos tardios de Nietzsche



Logo no prefácio de seu *O Caso Wagner*, Nietzsche afirma: “o que mais me ocupou profundamente foi o problema da *décadence*”⁵. Sobre a influência do pensamento de Paul Bourget sobre Nietzsche, como elucida Franco Volpi, pouco se tem escrito.⁶ Contudo, o leitor mais atento encontrará nos escritos de 1888 vestígios da apropriação nietzschiana, por vezes quase literal, de aspectos da teoria da decadência de Bourget.

Primeiramente, para darmos início à análise que nos propusemos, cabe citar a ocorrência do termo decadência grafado em francês nos originais de Nietzsche, o que nos leva a intuir que o filósofo certamente faz referência à influência do pensamento francês sobre sua obra. Angèle Kremer-Marietti⁷ afirma que o termo ‘*décadence*’ aparece cerca de trinta vezes nos textos nietzschianos por ele traduzidos e publicados. Além disso, uma vintena de outros termos e expressões é igualmente grafada na língua francesa.

Em uma seção de *Nietzsche contra Wagner*, intitulada “O lugar de Wagner”, Nietzsche nos apresenta a condição da nação francesa no final do século XIX:

Nessa França do espírito, que também é a França do pessimismo, Schopenhauer se encontra mais em casa do que jamais esteve na Alemanha; sua obra principal já foi traduzida duas vezes, a segunda excepcionalmente, de modo que hoje prefiro ler Schopenhauer em francês [...].

Poucas linhas depois, o filósofo afirma que àquele que tiver conhecimento do movimento cultural europeu é patente a ligação íntima entre Wagner e o romantismo tardio da França. Nietzsche se debruça sobre a questão da decadência, e, como se pode notar, tem em mente o contexto cultural europeu da época e a relação entre literatura e sociedade, tema central dos *Ensaio*s de Bourget. Assim sendo, não é de se admirar o fato de Nietzsche ter tido contato com estes últimos textos.

⁵ NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner: um problema para músicos/ Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*; tradução, notas e posfácio Paulo de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Doravante abreviado como “*O Caso Wagner*” e “*Nietzsche contra Wagner*”, seguidos de indicação de número de seção e página.

⁶ Cf. VOLPI, F. *O Nihilismo*, tradução de Aldo Vannucchi – São Paulo: Edições Loyolal, 1999. p. 25. Doravante abreviado como “*O Nihilismo*”, seguido de indicação de número de página.

⁷ NIETZSCHE, F. *Le Nihilisme Européen*; introdução e tradução por Angèle Kremer-Marietti, Paris: Éditions Kimé, 1997, introdução, p.15. Doravante abreviado como “*Le Nihilisme*”, seguido de indicação seção, item e número de página.



A ligação entre Wagner e o romantismo francês se estabelece, sobretudo, nos últimos escritos de Nietzsche. A tese que perpassa tanto o *Caso Wagner* quanto o *Nietzsche contra Wagner* é a de que a música wagneriana é representante, por excelência, da doença da modernidade. Wagner, para Nietzsche, é o artista da decadência, o “protagonista” de seu tempo, “o seu mais notável nome”. Sua obra constitui a expressão máxima da arte decadente.⁸ Cabe-nos, então, avaliar como o filósofo apresenta sua noção de decadência em *O Caso Wagner*:

Como se caracteriza toda *décadence* literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo – o todo já não é um todo. Mas isto é uma imagem para todo estilo de *décadence*: a cada vez mais, anarquia dos átomos, desagregação da vontade, ‘liberdade individual, em termos morais – estendendo à teoria política’, direitos iguais para todos. (NIETZSCHE, 1999, § 7, p.22).

Esta definição de Nietzsche, que visivelmente lança mão da formulação de Bourget, suscitou dúvidas acerca da sua autenticidade. Como aponta Müller-Lauter em um de seus artigos, o wagneriano Curt von Westernhagen, em 1938, acusou Nietzsche de ter plagiado Bourget⁹. Müller-Lauter bem observa, contra a citada acusação, que Mazzino Montinari, em sua análise da obra de Nietzsche, mostra a sutil variação entre os dois enunciados. No fragmento acima exposto, o movimento caminha do particular para o geral, da palavra ao todo. Nos *Ensaio*s de Bourget, o movimento tem caminho inverso, do todo para o particular, do livro para a palavra.

De qualquer modo, embora não tenha citado Bourget no *Caso Wagner*, Nietzsche escreve, no inverno de 1883/1884, as linhas que apresentam sua declarada influência: “*Estilo da decadência em Wagner: cada andamento particular torna-se soberano, a subordinação e classificação tornam-se aleatórias*”¹⁰. Em um fragmento póstumo, consta outra vez o nome de Bourget como fonte: “Essa louca sobrecarga de minúcias, esse relevo póstumo dos pequenos traços, o efeito- mosaico: Paul Bourget”¹¹.

⁸ Cf. *O Caso Wagner*, § 5, p. 18.

⁹ MÜLLER-LAUTER, W. “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. In: *Cadernos Nietzsche* 6, p. 11- 30, 1999. São Paulo: Discurso Editorial, p. 28, nota 3. Doravante abreviado como “*Décadence artística enquanto decadence fisiológica*”, seguido de indicação de número de página.

¹⁰ NIETZSCHE, F. 24 [6] do inverno de 1883/1884 apud *idem*, p. 13.

¹¹ NIETZSCHE, F. Inverno de 1883-1884 apud *O niilismo*, p. 53.



Müller-Lauter ainda indica outras referências de Nietzsche a Bourget, como em uma carta de 1888, onde o filósofo cita sua relação com o escritor e relata que com ele se aconselhou acerca da tradução de suas obras para o francês. “Durante todo o verão, eu teria tido a oportunidade de aconselhar-me com *outra* pessoa, o Senhor Paul Bourget, que morava nas proximidades; mas ele não entende nada *in rebus musicis*; não fosse *por isso*, seria o tradutor de que preciso”.¹² Já em anotações de dezembro de 1888/janeiro de 1889, o filósofo caracterizou o escritor como: “alguém da raça profunda (...), aquele que por si mesmo mais se aproximou de mim”¹³.

Diante do fato de o próprio Nietzsche ter declarado em seus escritos a influência do escritor, parece-nos impropriedade a acusação de plágio da teoria bourgetiana, mesmo porque o filósofo mostra uma postura significativamente diferente, como veremos, em relação à problemática da decadência. Todavia, antes de nos adiantarmos um pouco mais, voltemos à temática da música wagneriana.

Em uma carta destinada a Carl Fuchs, em abril de 1886, Nietzsche descreve o caráter decadente do estilo de Wagner: “A parte torna-se senhora sobre o todo, a frase sobre a melodia, o instante sobre o tempo (também sobre o ritmo), o *pathos* sobre o *ethos* e, por fim, o *esprit* sobre o ‘sentido’. [...] vê-se o particular muito nítido, vê-se o todo muito embotado [...]”¹⁴. A decadência literária de Bourget é transposta, como se pode ver, para a decadência da música wagneriana. A música de Wagner é carente de uma unidade interna, onde o ritmo se decompõe e cede lugar ao caos, onde o todo se perde na fragmentação de individualidades.

Se outrora Bourget havia descrito um desconcertante processo de decadência fisiológica, na obra de Nietzsche essa perspectiva ganha mais vigor e importância. A obra estética, segundo o filósofo, “não passa de fisiologia aplicada” (NIETZSCHE, 1999, p. 53). A degeneração da obra de arte, neste sentido, é uma expressão da degeneração fisiológica no organismo do homem. A doença fisiológica afeta os princípios e corrompe o gosto do artista, que reflete seu estado decadente em sua produção.

Para Nietzsche, a música wagneriana não só expressa sua decadência, seus males fisiológicos, como alastra sua doença àquele que a aprecia. No seguinte excerto

¹² NIETZSCHE, F Carta de 04/10/1888 apud *Décadence artística enquanto decadence fisiológica*, p 27, nota 1.

¹³ NIETZSCHE, F. 24 dezembro de 1888/ janeiro de 1889, apud *idem*, p.12.

¹⁴ NIETZSCHE, F. 24 [6] do inverno de 1883/1884 apud *idem*, p.13.



Nietzsche expõe os desarranjos fisiológicos sobre si provocados pela música de Wagner:

Meu ‘fato’, meu ‘*petit fait vrai*’ [pequeno fato verdadeiro] é que não consigo respirar direito quando essa música me atinge; logo o meu pé se irrita com ela e se revolta: ele necessita de compasso, dança, marcha [...]. Mas também não protesta o meu estômago? Meu coração? Minha circulação? Não se turvam minhas vísceras? Não fico inesperadamente rouco [...] Então me pergunto: o que quer mesmo da música meu corpo inteiro? (NIETZSCHE, 1999, p. 53).

Para Nietzsche, diferentemente de Bourget, a produção do artista decadente não gera novos valores estéticos, mas sim expressa fortemente os valores da decadência sobre seu organismo. A música de Wagner, além de auxiliar na expressão da vida decadente, tem o poder de causar a degeneração. O homem enfraquecido é seduzido pela música corrompida: “Wagner aumenta a exaustão: por isso atrai os débeis e exaustos”¹⁵. Este processo é a lógica não só da música de Wagner, mas de todo tipo de decadência.

É partir do processo de degeneração fisiológica que Nietzsche compreende a decadência de diversas outras estruturas, também evidenciada pela degeneração das organizações de domínio no devir; abrange “entidades naturais, formações do mundo orgânico, estruturas psicológicas, e [...] também organismos de extrema complexidade como indivíduos, grupos, classes, nações, estados.” (GIACOIA JUNIOR, 1997, p. 21).

Ainda que Nietzsche e Bourget adotem explicações bem semelhantes acerca do processo da decadência, os autores apresentam distintas posturas diante do fenômeno. Paul Bourget não mostra um remédio para a decadência. O escritor defende que a melhor postura é a daquele que adota o ponto de vista psicológico, aceita a doença, e colhe os bons frutos por ela produzidos. Certamente Nietzsche levou em conta esta idéia na formulação de seu pensamento tardio. No prólogo de *Nietzsche contra Wagner* o filósofo afirma acerca de sua obra: “este é um ensaio para psicólogos, não para alemães [...]”¹⁶. Sob a luz do ponto de vista psicológico, Nietzsche, diferentemente de Bourget, combate a decadência e aprofunda a análise de suas causas.

¹⁵ *O caso Wagner*, § 5, p. 19.

¹⁶ *Nietzsche contra Wagner*, prólogo, p. 49.



Para compreendemos melhor em que pontos os autores divergem, cabe-nos, primeiramente, investigar como Nietzsche compreende os fenômenos niilismo e pessimismo.

Em um fragmento da primavera de 1888 o filósofo escreve:

Recentemente se abusou muito de uma palavra fortuita e, nessa matéria, inapropriada: fala-se de ‘pessimismo’, combate-se por uma questão para a qual haveria respostas, a saber, a qual tem razão, do pessimismo ou do otimismo. Não se compreendeu isso que, no entanto, deve ser concretamente sabido: que o pessimismo não é um problema, mas um sintoma, - que seu nome deveria ser substituído por ‘niilismo’, - que a questão de saber se o não-Ser é melhor que o Ser, já é ela mesma uma doença, um signo do declínio, uma idiossincrasia. O movimento niilista é apenas a expressão de uma decadência fisiológica. (NIETZSCHE, 1997, 3, 38, p. 51).

O pessimismo, deste modo, e é uma forma de niilismo¹⁷; e o niilismo, com um sentido mais amplo, é a própria expressão da decadência. Em outra passagem, de 1887 encontramos a definição deste último termo: “O que significa niilismo? Que os valores supremos se desvalorizaram. Falta o sentido, falta a resposta ao ‘por quê’?” (NIETZSCHE, 1997, p. 33). Assim sendo, o niilismo representa a falta de sentido dos valores que outrora fundamentavam a existência humana, que nos forneciam respostas a questões essenciais da vida; valores tais como Bem, Mal, Verdade, Deus. Esse processo de desvalorização dos valores é um símbolo do desenvolvimento histórico do pensamento ocidental – que, para Nietzsche, é a própria história da decadência.

Como vimos outrora em nosso estudo sobre Bourget, o escritor aponta a crise da religião como um dos fatores que propiciam a doença moral. Para Nietzsche, a desvalorização dos valores cosmológicos, a “morte de Deus”, constitui um marco determinante no processo de decadência, que a partir de suas angustiantes conseqüências permite ao homem sensível tomar dimensão da decadência que aflige o pensamento do Ocidente: “O maior dos acontecimentos recentes – que “Deus está morto”, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa.” (NIETZSCHE, 2005, p. 35).

¹⁷ Em um fragmento do outono de 1887 Nietzsche apresenta o pessimismo “como primeira forma do niilismo”. *Le Nihilisme Européen*, 1, 9, p. 35.



Enquanto Bourget avalia as possíveis causas da decadência no panorama do século XIX, Nietzsche vai mais além. Vai buscar no mundo grego os primeiros sinais do fenômeno. É na doutrina de Sócrates e Platão que se encontra o advento do niilismo:

A mim mesmo, essa irreverência de pensar que os grandes sábios são *tipos de declínio* ocorreu precisamente pela primeira vez precisamente em um caso em que mais fortemente o preconceito erudito e não erudito se contrapõem a ela: reconheci Sócrates e Platão como sintomas da caducidade, como instrumentos da dissolução grega, como pseudo gregos, como antigregos. (NIETZSCHE, 2005, p. 373).

Para Nietzsche, o surgimento da separação entre dois mundos, o sensível e o supra-sensível, gera, na medida em que o mundo ideal se torna inacessível, o processo de decadência dos valores. Para compreendermos como se dá este fenômeno, o filósofo nos apresenta uma breve síntese de seu desenvolvimento histórico dos gregos à modernidade:

1. O verdadeiro mundo, alcançável ao sábio, ao devoto, ao virtuoso – eles vivem nele, são ele. [...] 2. O verdadeiro mundo, inalcançável por ora, mas prometido ao sábio, ao devoto, ao virtuoso (‘ao pecador que faz penitência’) [...] 3. O verdadeiro mundo, inalcançável, indemonstrável, imprometível, mas já, ao ser pensado, um consolo, uma obrigação, um imperativo. [...] 4. O verdadeiro mundo – inalcançável? Em todo caso, inalcançado. E como inalcançado também desconhecido. Conseqüentemente, também não consolador, redentor, obrigatório: a que poderia algo desconhecido nos obrigar? [...] 5. O ‘verdadeiro mundo’ – uma ideia que não é útil para mais nada, que não é mais nem sequer obrigatória – uma ideia que se tornou inútil, supérflua, conseqüentemente uma Idéia refutada: expulsemos-la! [...] 6. O verdadeiro mundo, nós o expulsamos: que mundo resta? O aparente, talvez? [...] Mas não! Com o verdadeiro mundo expulsamos também o mundo aparente! (NIETZSCHE, 2005, p. 376-377).

Na primeira fase do platonismo, o mundo verdadeiro, ou seja, o mundo supra-sensível, ainda não se constituía como realidade inacessível, sendo acessível aos sábios, devotos e virtuosos. Posteriormente, dá-se a mudança mais significativa: a separação entre o mundo verdadeiro, agora inacessível, e a realidade. Esta mudança acarreta uma desvalorização da realidade, que passa a se configurar como efêmera aparência do mundo ideal, da perfeição, que pode ser alcançado pelo sábio, devoto, virtuoso ou penitente no *além-vida*. O mundo ideal torna-se objeto da fé e o platonismo se converte em *cristianismo*.



Com o advento do pensamento kantiano, o mundo verdadeiro passa a ser concebido como não experienciável, incognoscível, e, como nada se pode afirmar sobre ele, não prometível tal como se apresentava no pensamento cristão até então. As antigas certezas metafísicas derrubadas por Kant sobre o além-mundo carregam consigo a credulidade desta realidade supra-sensível e sua cognoscibilidade. Após o kantismo e o idealismo, a idéia do mundo verdadeiro se enfraquece até ser descartada pela razão como uma criação humana voltada à sobrevivência; dá-se “a morte de Deus”.

Com a destruição do mundo ideal, os valores pregados tradicionalmente deixam lacunas; uma aguda crise de valores, de falta de sentido, estabelece-se. As perguntas mais elementares acerca da existência carecem de resposta. A ausência de finalidade da vida, de respostas aos “porquês” gera um terrível mal-estar. O fenômeno do niilismo torna-se agudo.

Para o filósofo, um passo importante em direção à superação do niilismo encontra-se na transvaloração dos valores, ou seja, é necessário abandonar completamente as noções acerca do mundo verdadeiro e do mundo aparente fornecidas pelo platonismo e criar novas referências de valor, conferindo uma nova concepção acerca de realidade. Seguindo esta linha de pensamento, o niilismo, para Nietzsche, é um passo necessário, pois é somente a partir do processo de desvalorização dos valores supremos que se pode obter novos valores:

Pois por que o advento do niilismo é doravante necessário? Porque são nossos valores anteriores que trazem dele suas últimas conseqüências, porque o niilismo é a lógica, pensada até seu limite, de nossos valores e de nossas maiores ambições, - porque nós devemos primeiro passar pela prova do niilismo para ali descobrir o que era realmente o valor dos ‘valores’ [...] nós teremos, em algum tempo, a necessidade de novos valores [...]. (NIETZSCHE, 1997, prefácio, 4, p. 29).

Conclusão

Paul Bourget apresentou, por meio de seus *Ensaio*s, a constatação de que a juventude de seu tempo sofria de uma doença da vida moral e identificou os fenômenos pessimismo, niilismo e neurose como sintomas deste mal. Esta enfermidade se evidencia na decadência que dominava sua época, caracterizada pela degeneração fisiológica do indivíduo, do estilo e da sociedade. A causa desta doença da vida moral é, sobretudo, o abuso do pensamento; ela gera a discrepância entre os desejos do homem e



a realidade. Paul Bourget não aponta uma terapia para a decadência, mas apresenta duas posturas diante do problema: a político-moral, que tem em vista a mobilização em prol da restituição do organismo, e a do psicólogo, que privilegia a análise das partes que compõe o todo. A partir desta última postura é possível observar que a arte decadente gera produções estéticas singulares e admiráveis. Neste sentido, Bourget atribui uma nova perspectiva ao conceito de decadência ao mostrar sua faceta positiva.

Nietzsche, que também avaliou os fenômenos do pessimismo e niilismo na sociedade de sua época, assimila em sua obra a estrutura da decadência de Bourget – apoiando-se fundamentalmente na noção de degeneração fisiológica. A partir da noção de decadência formulada na obra bourgetiana, Nietzsche faz sua avaliação acerca do estilo da música de Wagner e conclui seu caráter danoso, apresentado-a como representante máxima da decadência de sua época. Se Bourget vê na obra de arte decadente admiráveis singularidades, ricas expressões de novos valores estéticos produzidos, para Nietzsche, a produção estética do artista decadente é o reflexo de sua degeneração fisiológica, que apenas produz e agrava a decadência. Os valores expressos na obra de arte não são novos, mas sim os valores decadentes oriundos da moral cristã. Diferentemente de Bourget, Nietzsche apresenta as primeiras expressões da decadência, o niilismo, na doutrina de Sócrates e Platão. Os valores da moral socrático-platônica se consolidam ao longo do projeto civilizatório levado a efeito pelo cristianismo, considerado como formação religiosa hegemônica no Ocidente. No cristianismo temos a desvalorização do mundo e da vida em proveito de um além-mundo. A trajetória do niilismo seque os diferentes modos de se relacionar como este “mundo verdadeiro”, até a consciência de que este mundo não passa de uma ilusória criação humana. De acordo com Nietzsche, o niilismo se completa quando o “mundo verdadeiro” é abolido. Ele atinge seu ápice “na morte de Deus”, ou seja, na crise do fundamento último dos valores supremos da cultura ocidental que forneciam respostas às questões essenciais da vida. Uma vez abolido estes valores, a vida, até então em função do “mundo verdadeiro”, passa a não ter mais sentido. Como reação ao problema se faz necessário transvalorizar os valores da moral platônica-cristã e superar o tipo de homem por ele gerado ao longo do processo civilizatório do ocidente. Somente através da dessa reação é possível encarar a realidade sob uma outra perspectiva e, na medida em que se aceita uma nova concepção de mundo, superar a doença da vida moderna.



Referências

- BOURGET, P. *Essais de psychologie contemporaine*. Paris: Ed. Plon Nourrit, 1920.
- GIACOIA JUNIOR, O. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*, Ed. da UNICAMP, 1997.
- MANSUY, M. *Un moderne: Paul Bourget de l'enfance au Disciple*. Paris: Belles Lettres, 1960.
- MÜLLER-LAUTER, W. Décadence artística enquanto decadence fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. In: *Cadernos Nietzsche* 6, p. 11- 30, São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- NIETZSCHE, F. *Le Nihilisme Européen* ; introdução e tradução por Angèle Kremer-Marietti, Paris: Éditions Kimé, 1997.
- _____. *O Caso Wagner: um problema para músicos/ Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo/ Friedrich Nietzsche*; tradução, notas e posfácio Paulo de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2005. (Coleção *Os Pensadores*).
- VOLPI, F. *O Nihilismo*, São Paulo: Edições. Loyola, 1999.